



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Ensaio sobre a inter-associação estabelecida entre
o sistema de crenças e convicções do treinador, os
comportamentos em competição e a atitudes dos
jovens face á prática desportiva**

Mestrado em Treino Desportivo para Crianças e Jovens

NUNO MOTA BULE DE CARVALHO

Coimbra, 2014



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ensaio sobre a inter-associação estabelecida entre o sistema de crenças e convicções do treinador, os comportamentos em competição e a atitudes dos jovens face á prática desportiva

Dissertação com vista à obtenção do grau de mestre em treino desportivo para crianças e jovens sob orientação do Prof. Doutor Manuel João Cerdeira Coelho e Silva.

NUNO MOTA BULE DE CARVALHO

Agradecimento

Dedico este espaço a todos os que me motivaram e apoiaram ao longo dos cinco anos que frequentei a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e, em particular, a todos os que ajudaram a realizar este trabalho.

No entanto, tenho de enaltecer a ajuda e agradecer, particularmente:

Ao Prof. Doutor Manuel João Coelho e Silva, meu orientador, pelos grandes ensinamentos dados, pelo apoio, pela paciência e enorme disponibilidade ao longo de todo este trabalho.

Aos treinadores e respectivos atletas, pela sua disponibilidade e apoio na participação neste trabalho.

Aos meus pais, por me proporcionarem a experiência de estudar no Ensino Superior e por me incentivarem todos os dias a melhorar, a evoluir e a crescer na área de que eu tanto gosto das Ciências do Desporto, e especificamente, do Treino Desportivo.

E, um muito obrigado, a todos aqueles que directa ou indirectamente proporcionaram a realização deste trabalho.

Índice geral

1. Introdução.....	7
1.1. Comportamentos e estilos de treinador em competição.....	7
1.2. Clima de equipa.....	11
1.3. Orientação para a realização de objectivos.....	17
1.4. Atitudes e valores face ao desporto.....	19
1.5. Apresentação do problema e objectivos do trabalho.....	21
2. Entrevistas aos Treinadores.....	23
2.1. Objectivos da entrevista.....	23
2.2. Opções metodológicas.....	25
2.3. Entrevista ao treinador A.....	27
2.4. Entrevista ao treinador B.....	34
2.5. Quadro resumo e síntese das entrevistas.....	45
3. Comportamentos dos treinadores em competição.....	48
3.1. Introdução.....	48
3.2. Materiais e métodos.....	48
3.3. Resultados.....	50
3.4. Discussão.....	51
4. Inquérito aos jovens atletas.....	53
4.1. Introdução.....	53
4.2. Materiais e métodos.....	53
4.3. Resultados.....	56
4.4. Discussão.....	58
5. Discussão geral.....	60
6. Referências Bibliográficas.....	62

Índice de figuras

1. Representação gráfica das percentagens das categorias do CBAS para cada treinador51

Índice de tabelas

1. Análise do sistema de convicções do treinador A como elemento de presságio da dinâmica da equipa em competição e das atitudes individuais dos jovens atletas45
2. Análise do sistema de convicções do treinador B como elemento de presságio da dinâmica da equipa em competição e das atitudes individuais dos jovens atletas46
3. Número de ocorrências e respectiva percentagem de intervenções dos treinadores A e B ao longo de 3 jogos50
4. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens aos itens do SAQp56
5. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens agregadas nos factores latentes do SAQp.....57
6. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens aos itens do TEOSQp.....57
7. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens agregadas nos factores latentes do SAQp.....57

CAPÍTULO 1:

Introdução

1.1. Comportamentos e estilos do treinador em competição

A performance dos atletas pode ser influenciada pelos comportamentos do treinador. A forma e o estilo de exercer o poder e a liderança que caracteriza o treinador no relacionamento com os seus atletas podem ter um papel essencial sobre o rendimento dos mesmos.

Martens (1995) dividiu os treinadores de acordo com três estilos de liderança: autocráticos, são aqueles que única e exclusivamente toma todas as decisões e os atletas apenas tem de aceitá-las e segui-las; negligentes, que são os treinadores que exercem escassa influência sobre os atletas e estes acabam por se abster da tomada de decisão e os treinadores cooperativos, que são os treinadores que compartilham a tomada de decisão com os atletas.

A função mais importante para um treinador é apoiar os atletas a evoluírem e a melhorarem as suas capacidades atléticas desde o desenvolvimento sequencial e domínio de habilidades básicas para os iniciantes á preparação física, técnica, tática e psicológica. Normalmente, estas funções são realizadas por treinadores que se apoiam no comportamento de liderança e estimulação eficaz ao atleta com o objectivo de alcançar acções apropriadas á realização de objectivos, em situações de treino e de competição. A situação, as características do treinador e dos seus atletas determinam o comportamento de liderança adoptado (Chelladurai, 1978).

Quando se fala em aprendizagem de habilidades motoras, uma das formas mais importantes para que ela ocorra é através da prática. E para se organizar a prática existem incontáveis métodos na busca de uma prática eficiente.

No entanto, além da própria prática, uma variável considerada essencial para a aquisição de habilidades motoras é a informação dada pelo treinador e os seus comportamentos no plano competitivo. O processo dessa informação, segundo Teixeira (1993), possibilita ao aprendiz obter conhecimento tanto do padrão de movimento da resposta produzida quanto do alcance ou não do objectivo proposto. Essa informação é comparada com a representação interna da resposta e no caso de alguma discrepância é gerada uma informação de erro que poderá ser utilizada no futuro a fim de melhor solucionar os comandos motores para a realização dessa tarefa.

O comportamento do treinador pode ser conceptualizado em duas componentes. Estas são a componente “instrução” e a componente motivacional. A instrução inclui detalhes específicos sobre o desempenho. Demonstrações como “vamos tentar ocupar os 3 corredores a atacar” e “na próxima vez encurta esse ultimo passe” são exemplos de feedback com foco educacional. Comentários como “bom trabalho”, “sim, isso foi muito melhor”, ou “José, isso foi horrível” não fornecem qualquer informação e podem alterar o desempenho apenas na parte motivacional.

Embora estas componentes comportamentais sejam importantes e necessárias para o treino e para a competição, a instrução será mais útil para o atleta a longo prazo e, por consequência, uma maior utilização deste tipo de comunicação deve ser incluída nas sessões de treino.

Sem gravação de vídeo, ou estruturas similares, os atletas não podem avaliar o seu próprio desempenho de “fora dos seus corpos”. Os atletas têm de ser treinados para avaliar o seu desempenho a partir de sugestões bio receptoras.

O papel do treinador é o de facilitar o reconhecimento ao atleta dando sugestões positivas para um bom desempenho. Acima de tudo, a qualidade da informação dada aos atletas pode ser melhorada através de seis princípios:

1. Comentando a forma mais eficaz de realizar a acção;
2. Ser específico, e não geral;
3. Ser construtivo, não destrutivo;
4. Dar o feedback o mais cedo possível;
5. Certificar-se de que o atleta entende a informação;
6. Usando o feedback correctivo, ou seja, como melhorar.

Os exemplos específicos de interacções entre os treinadores de futebol e os atletas são incluídos para ilustrar estratégias que podem ser aplicadas. Essas estratégias são:

- a) Fazer perguntas;
- b) Seleccionar pontos-chave;
- c) Criar situações de descoberta guiada.

O feedback extrínseco direcciona a atenção do praticante para aspectos determinados do movimento ou do resultado. Assim, o treinador deve ter o cuidado para que a atenção do praticante seja direccionada para aspectos realmente fundamentais para um melhor desempenho, naquela situação específica.

Desta forma, a função informacional do feedback extrínseco refere-se ao grau de exactidão, qualidade e utilidade da informação. Esta informação fica incompleta quando é fornecida somente sobre a direcção do erro, por exemplo: mais-menos, longo-curto, ou somente a respeito da magnitude do erro, isto é, sobre a quantidade de erros, por exemplo: 7-10, etc., sendo que a informação somente sobre a direcção do erro é claramente melhor do que sobre a magnitude do erro (Schmidt, 1992). Quando a informação do treinador contem elementos de magnitude e direcção do erro pode ser considerado mais completo e é chamado quantitativo e quando apenas é dito certo ou errado, o feedback extrínseco é chamado qualitativo e é incompleto (Schmidt, 1992).

Para Adams & Castro (1988) quando o aprendiz recebe a informação qualitativa do treinador tem uma noção vaga já que está a ser informado somente de que ocorreu o erro, e não fica a saber sobre a direcção ou sobre a quantidade desse erro. Como resultado, a correcção tenderá a ser pobre e o grau de aprendizagem lento. Ao contrário, quando o feedback é quantitativo e adequado ao nível do aprendiz, a aprendizagem é facilitada.

Outro factor importante ao actualizar os recursos de feedback é saber em que momento utilizá-lo e com que frequência.

Em relação á execução da habilidade, o feedback poderá ser terminal, apresentado ao praticante depois da execução, ou concomitante, fonecido durante a execução.

Preferencialmente, deve-se utilizar a instrução terminal, pois este pode ser eficaz em quase todas as situações de aprendizagem motora. O uso do feedback concomitante é aconselhado em casos especiais, quando a instrução, o feedback intrínseco e o feedback extrínseco terminal não fornecerem informações suficientes para o praticante ter ideia de como executar o movimento. As informações concomitantes auxiliarão o praticante a aprender a realizar o movimento e a utilizar a informação do treinador durante a execução.

Deve-se tomar cuidado para que o feedback concomitante não substitua o feedback intrínseco, deixando o praticante dependente do mesmo, o que resultará em desempenhos inferiores na ausência de feedback concomitante.

1.2. Clima de equipa

O processo de aprendizagem do jogo envolve um processo de adaptação ao mesmo e às suas dinâmicas, como inteligência e conhecimento tático, capacidades de execução e de tomada de decisão, estando estas interligadas.

O treinador assume a função de dirigir o atleta, a equipa desportiva numa competição ou processo de treino, oferecendo orientações técnicas, táticas e motivacionais.

Sarmiento (2005) refere que, de facto, todas as funções estão “presas” ao que o treinador faz, aos conhecimentos (técnicos e humanos) que possui e ao que manifesta na relação interactiva e de liderança que consegue estabelecer, sempre no âmbito de um plano de desenvolvimento que previamente equacionou. É neste sentido que importa entender o que um treinador desportivo sabe pôr em prática, uma vez que o seu comportamento é gerador de outros comportamentos. Sabendo isto, a intervenção pedagógica do treinador coloca-se no enquadramento teórico-prático das variáveis individuais (diferenciação da aprendizagem), da tarefa (conteúdo de ensino) e das condições em que a mesma é executada (condições de prática).

A intervenção pedagógica traduz uma competência inerente à função de treinador desportivo, a qual permite a manipulação dos seus conhecimentos sobre as exigências do esforço (repetições, intervalos e recuperações de esforço) e dos respectivos comportamentos, no quadro concreto de cada actividade, de cada situação e de cada atleta.

A maioria das aprendizagens devem ocorrer inseridas no contexto dos jogos reduzidos ou jogos alterados nas suas variantes, como o número de atletas, espaço, tamanho das bolas, tamanho das balizas, número de balizas, etc.

Mesmo quando as indicações do treinador são direccionadas para o desenvolvimento das capacidades técnicas, estando estas contextualizadas com a

necessidade dos atletas desenvolverem aspectos como a percepção e a tomada de decisão.

Em vez de a planificação conter exercícios fechados, unidireccionais e sem intensidade, estando os atletas grande parte do tempo á espera da sua vez, deve-se optar por uma planificação constituída com exercícios que aproximem os atletas da situação de jogo, 1x1, 2x1, 2x2, 3x2, 3x3, 4x4 ou através de exercícios em que haja um trabalho técnico com oposição e em que todos estejam em actividade.

A contextualização ou aproximação dos exercícios com a situação de jogo permite aos atletas mais competentes desenvolverem novas capacidades.

O ambiente de aprendizagem no desporto necessita de promover o desejo de aprender, busca pelo conhecimento, desenvolvimento e melhoria de habilidades devendo ir de encontro aos interesses dos aprendizes.

Ao longo do processo de aprendizagem, devem-se realizar modificações de modo a tornar o treino mais ou menos desafiante para os atletas.

O treinador deve ter a capacidade de identificar quando é que os jogos necessitam de mudanças e de alterá-los correctamente, e esta é uma capacidade que é desenvolvida com experiencia prática.

Os alunos só aprendem se os treinadores estiverem disponíveis a aprender.

Ao longo do tempo, os aprendizes devem-se adaptar á organização do *Game Sense* e ter maior autonomia e responsabilidade para com a sua aprendizagem enquanto desenvolvem o seu conhecimento na modalidade.

Os treinadores devem incentivar os atletas a participar na sessão de treino de modo a que estes argumentem e discutam as modificações a realizar no plano de treino.

Independentemente da importância do questionamento no processo de treino, a qualidade da actividade é essencial para um ambiente de aprendizagem.

O reconhecimento da aprendizagem pode emergir a partir da prática, a partir de situações simplificadas de jogo/jogos reduzidos. As crianças aprendem através do jogo!

Aprender as habilidades do jogo antes de o jogar:

Em crianças com menos competências utilizam-se mecanismos diferentes para que estes obtenham os *skills* necessários, mais contacto com a bola, pisando-a, conduzindo com a parte externa ou peito do pé, para posteriormente entrarem numa situação de jogo reduzido.

A planificação de uma série de exercícios que sejam progressivamente mais complexos e a capacidade do treinador modificá-los quando é necessário são tarefas muito mais difíceis que corrigir os atletas colocados em fila para realizar um circuito técnico.

A planificação cuidada dos exercícios no processo de treino de modo a aproximar da situação de jogo formal ajuda os atletas a desenvolver as suas capacidades num determinado aspecto/princípio de jogo.

Os treinadores devem ter a capacidade de organizar os seus próprios jogos para o processo de treino. Isto requer alguma investigação sobre o que está a ser ensinado e qual deverá ser o ambiente mais propício á aprendizagem.

Assim que a sessão de treino se inicia, o treinador deve estar preparado para que, caso seja necessário, alterar o plano. Esta capacidade leva tempo e experiencia a aperfeiçoar, sendo uma marca dos treinadores de *Game Sense*. A maioria desses treinadores conhece bem os seus alunos, sendo capazes de desenvolver os exercícios com a dificuldade apropriada ás capacidades dos mesmos, levando a que todos tenham sucesso no processo de treino.

O balanço correcto entre desafio e sucesso é difícil no desporto. No entanto, até o treinador atingir a excelência no processo de treino, este necessita de ter ideias em mente ou em papel de modo a tornar os jogos mais simples ou mais desafiantes.

Estas mudanças poderão ser de tamanho ou forma da área utilizada, do número de jogadores, do número de bolas ou até da adição de um novo desafio/objectivo no exercício para os atletas mais competentes.

Enfatizar o questionamento para gerar diálogo:

Realizar questões aos atletas de maneira a gerar aprendizagem pode ser difícil para os treinadores que estão acostumados apenas a transmitir a informação necessária para os exercícios ou a indicar os objectivos dos mesmos.

Assim, o treinador pode-se confrontar com algumas dúvidas:

- Que tipo de questões deve realizar?
- Quando deve questionar os atletas?
- Quantas perguntas devem-se fazer?
- A quem pergunto?

O questionamento é um enorme estimulador de diálogo, reflexão e de consciencialização das ideias sobre como jogar. As questões devem ser abertas e gerar diálogo, devem criar bases de conhecimento e entendimento para a modalidade.

Para os treinadores habituados a apenas transmitir a informação isto poderá ser um enorme problema. O bom treinador é capaz de ao longo da prática parar o exercício para questionar os seus atletas sobre o que se encontra correcto ou errado nas suas acções. No entanto, um exagerado número de paragens na actividade pode deixar os atletas desmotivados e desligados da tarefa, tirando-lhes o prazer do jogo

É preferível realizar poucas perguntas, mas directas do que realizar demasiadas e multidireccionadas.

As questões podem ser feitas ao longo da acção, a qualquer momento, podendo ser individuais ou grupais, quando os grupos são pequenos, por exemplo na realização de jogos reduzidos de 3 vs 3, enquanto o resto da turma continua a exercitar.

O *timing* da questão poderá ser essencial para o desenvolvimento das capacidades dos atletas.

A turma pode parar para ouvir o questionamento quando o professor quer alterar o jogo ou durante o jogo dando às equipas a oportunidade de discutir o problema de modo a chegar a uma resolução que poderá ser testada e avaliada.

O treinador poderá, também, parar os exercícios, chamar até si os atletas e realizar questões tácticas de uma dada situação de jogo. Posteriormente, deve circular pelo treino, verificando os diferentes grupos e encorajando-os nas suas acções, promovendo o diálogo em todos eles.

Por outro lado, também é muito importante ouvir o que os atletas tem para dizer, para ter uma noção do valor das suas opiniões e ideias, mas também para saber o que eles tem a opinar em relação ao processo de treino, estando aberto a ideias novas nas quais não tinha pensado para o treino.

Não existem respostas certas ou erradas, devendo o treinador encorajar os seus atletas a serem criativos e a usufruírem dos desafios colocados.

No final de cada sessão, o treinador deve colocar algumas questões aos atletas sobre o que aconteceu no treino, de modo a verificar a percepção dos atletas ao que foi realizado e a reforçar o entendimento das crianças para que estas se desenvolvam.

Novamente, esta acção do treinador necessita de promover enorme compreensão e reflexão sobre as experiencias obtidas no treino e não, apenas, saber se os atletas gostaram do treino. Os atletas que não estão acostumados a serem questionados podem ficar desconfortáveis com a exposição, podendo ficar sem responder, sendo essencial fazer-lhes compreender que é necessário entender porque é que foram questionados.

Promover oportunidades de colaboração, teste e avaliação de modo a formular as soluções:

A prática permite aos atletas terem uma compreensão do que é feito, fazendo com que tenham capacidade crítica sobre a sessão de treino. Sendo assim, o treinador deve promover a reflexão sobre os problemas encontrados nos exercícios e sobre as soluções para os mesmos, dando-lhes tempo para discutir o assunto como um grupo e espaço para chegar a alguma(s) estratégia(s) que eles achem que pode resultar.

Portanto, esta reflexão possui uma ordem processual:

1. Explicar o jogo e assegurar que os atletas perceberam;
2. Deixá-los jogar;
3. Parar e realizar algumas perguntas para identificar ou confirmar o problema a serem resolvidos;
4. Deixá-los formular uma estratégia ou plano através do diálogo de grupo;
5. Deixá-los implementar a estratégia ou plano de jogo;
6. Parar a acção e questioná-los sobre o efeito das suas estratégias ou sobre os motivos pelos quais essa não resultou

Até que os atletas se adaptem á organização do treino podem e devem desenvolver um gosto pela prática e pela conclusão dos desafios apresentados pelo treinador. No caso de o treinador utilizar uma organização construtivista/informativa, este

deve circular pelos grupos assegurando-se de que existe uma partilha de ideias e de que todos os atletas estão comprometidos com o processo e com a resolução dos desafios ou dos problemas.

Alguns grupos não necessitam de muitas intervenções dos treinadores, enquanto outros podem necessitar de uma maior atenção e de um maior número de feedbacks e questões para realizar as actividades ou para reduzir a dominância de um aluno, em particular.

Desenvolvimento do ambiente apropriado á aprendizagem:

No *Game Sense* procura-se questionar os atletas de modo a que corram riscos de várias maneiras, dando-lhes a oportunidade de entrar nas discussões quando sugerem ideias ou tácticas. Para fazer com que os atletas estejam activamente envolvidos, prontos a correrem riscos e a falar livremente, os professores devem construir um ambiente propício onde os aprendizes se sintam suficientemente seguros a correr esses riscos. Então, é necessário existir um ambiente sociomoral que suporta os alunos. Os treinadores devem deixar bem claro que os alunos crescem com os erros cometidos e que eles são parte essencial da aprendizagem. É fácil falar na falta de responsabilidades dos atletas, mas atletas que temam ser humilhados se cometerem algum erro muito dificilmente se encontrarão interessados e empenhados nas actividades.

1.3. Orientação para a realização de objectivos

Tem-se verificado ao longo das últimas décadas um aumento na prática desportiva por parte de crianças e jovens, sendo a motivação essencial para o sucesso e bem-estar dos sujeitos na modalidade. Essa motivação depende muito das condições de sucesso garantidas pelos treinadores aos seus atletas tanto no processo de treino como no processo competitivo, situação que nem sempre se verifica, já que são cada vez mais altas as taxas de desistência desportiva a partir dos 12 anos de idade.

São muitos os factores apontados para tal fenómeno tais como a pressão parental, que, em especial no futebol, coloca os jovens atletas sobre uma carga stressante demasiado elevada, bem como as exigências dos treinadores e dirigentes para com os jovens, olhando-os muitas vezes como mini-adultos, colocando-lhes objectivos e tarefas nem sempre adequadas ao seu estado de desenvolvimento.

Assim sendo, o processo motivacional resulta da consonância entre as ideias dos atletas e o envolvimento da sua actividade desportiva.

A orientação cognitiva dos atletas dirige-se para dois tipos de objectivos: o desempenho correcto das tarefas e o resultado. Estas variáveis associam-se ao tipo de motivação dos sujeitos. Quando o objectivo dos atletas é a obtenção de um bom resultado, que normalmente é vencer o jogo, estamos a falar de uma motivação extrínseca (ego), quando o objectivo é o correcto desempenho das tarefas, falamos de uma motivação intrínseca. (Vasconcelos-Raposo, 1995).

Segundo o mesmo autor, os objectivos dos atletas são manifestações dos seus desejos em conseguir um produto (resultado), de maneira a que não se deva centralizar o trabalho em prol de uma orientação cognitiva, mas sim no processo. Então, é neste processo que devem ser propostos objectivos orientados para a prestação e não para o resultado, uma vez que é o processo que se associa às variáveis psicológicas que podem melhorar a performance. O ênfase não deve ser dado, portanto, os aspectos quantitativos da prestação mas sim nos qualitativos, isto é, dever-se-á encorajar o controlo sobre o processo.

Alguns estudos realizados na área das Ciências do Desporto (Roberts, Treasure e Kavussanu, 1996; Ntoumanis e Biddle, 1999) demonstraram que o clima motivacional orientado para a realização da tarefa relaciona-se com padrões motivacionais mais adaptativos, ao contrário do que acontece num ambiente de orientação para o resultado. Por outro lado, o papel dos pais e do treinador é muito importante para a percepção dos atletas em relação á actividade física como causa de êxito e a orientação motivacional (Barber et.al. 1999).

Na prática desportiva juvenil, são os treinadores os grandes agentes de socialização. É importante entender a participação dos jovens no desporto, sendo essencial o domínio de estratégias susceptíveis de manter os padrões de motivação altos, durante a actividade. Desta forma, ser-se treinador de camadas jovens é, acima de tudo, ficar-se encarregue da enorme responsabilidade de contribuir no desenvolvimento dos jovens, já que aquele é um dos agentes fundamentais do sistema desportivo. E ao estar envolvido nos escalões jovens tem como competência dirigir o processo de ensino/aprendizagem e treino (Vasconcelos-Raposo e Mahl, 2005).

Em suma, sem o processo motivacional não é possível discutir-se o movimento intencional ou nem sequer a direcção da acção. Muito menos seria possível dizer que os demais processos psicológicos tais como a percepção, a imaginação, a compreensão ou o planeamento seriam utilizados para transformar o meio através da realização de trabalhos. Assim, o individuo está intimamente ligado ao ambiente que o envolve sendo impossível estudá-lo sem que também haja uma compreensão do envolvimento.

1.4. Atitudes e valores face ao desporto

O desporto é uma vertente essencial no bem-estar de qualquer individuo, tanto ao nível físico e psicológico, como ao nível social, daí a ser incentivado às crianças e jovens desde muito cedo. Hoje em dia, é a actividade extra-escolar mais praticada pelas crianças de todo o mundo.

A prática desportiva é uma fonte de socialização, na medida em que os jovens tomam contacto com outros jovens e com adultos, aprendem a cumprir as regras e as normas estabelecidas e aprendem valores de convivência social. O desporto permite-lhes mostrar aos outros as suas habilidades, tomar parte em decisões, liderar e ser liderado, ser aceite pelos outros e comparar-se com eles. Um sem fim de vivências que permitem a aquisição de competências psicológicas e

sociais que lhes irão ser benéficas nas suas vidas, muito para além do desporto (Salgado, 1999).

Tendo em conta o envolvimento desportivo que cada vez mais é notório nas camadas jovens, já foram identificadas algumas consequências positivas dessa participação social. No entanto, vários investigadores na área da Psicologia do Desporto, e em especial no processo de socialização dos jovens através da prática desportiva, assinalam que esses resultados se apresentam contraditórios (Gonçalves, 1991).

Em todas as modalidades desportivas, cada vez mais é notória a desvirtualização dos ideais desportivos, definidos com base na perspectiva britânica do “fair-play”. No início deste novo século, têm-se multiplicado as avaliações e reflexões milenares, algumas atravessadas por dúvidas e várias interrogações, reflectindo um certo “mal-estar de civilização” que projecta um cepticismo desencantado sobre um futuro que se antevê incerto e problemático (Pereira, 1999).

As características mencionadas para a valorização do desporto tornaram-se uma crença para os adultos que regem e controlam o desporto para jovens. Contudo, a valorização de tais características pode estar sujeita ao género dos praticantes desportivos. Num estudo realizado por Gill (1986), os elementos do género feminino estão mais predispostos para atingirem objectivos pessoais, enquanto que os indivíduos do género masculino tendem a orientar-se para a vitória, desejando vencer e evitar ao máximo a derrota.

Segundo Whitehead (1993), os rapazes preocupam-se mais com os seus resultados nas performances realizadas, esperam que a obtenção do sucesso lhes origine recompensas externas, tais como a fama e a popularidade, sendo este o género que fica mais depressivo em situações de derrota.

Weinberg e Gould (1999) afirmam que os elementos do género masculino são mais agressivos nas competições que disputam, quando comparados com as raparigas.

De acordo com a pesquisa efectuada por Silva, Sobral e Malina (2003), os rapazes distinguem-se por serem mais orientados pelo desejo de reconhecimento e determinação em alcançar objectivos desportivos. São preocupantes estas referências a nível da motivação e comportamentos dos rapazes, uma vez que estes poderão estar mais predispostos a adoptar valores e atitudes incorrectas para atingir os seus objectivos.

Alguns comportamentos que têm vindo a ser mais frequentes são: fazer batota, praticar agressões, adoptar comportamentos violentos e faltar ao respeito a adversários e árbitros. Embora as ocorrências mais frequentes e visíveis sejam observáveis no Desporto profissional, já se começa a encontrar cada vez mais esses maus comportamentos no Desporto jovem (Bredemeier & Shields, 1993). Na tentativa da delimitação dos valores morais no contexto desportivo e possíveis relações com os demais agentes envolvidos e variáveis mediadoras da performance desportiva, uma série de estudos recentes tem-se centrado na definição e comparação das atitudes desportivas e anti-desportivas quanto a um conjunto de diferentes variáveis (sexo, idade e anos de prática desportiva), em diversos contextos (Fernandes & Moreira, 2003; Fernandes et al., 2003a, 2003b, 2004).

1.5. Apresentação do problema e objectivos do trabalho

A figura do treinador possui uma importância muito grande nas modalidades desportivas, uma vez que os seus comportamentos, estilo de liderança, crenças, convicções e valores são transmitidos aos seus atletas que o olham como exemplo de autoridade e sabedoria a seguir.

O estudo da liderança na prática desportiva tem sido realizado com base em de três grandes modelos. O primeiro analisou os efeitos dos comportamentos dos

treinadores nos níveis de stress, auto-estima e satisfação dos atletas, propondo um sistema de observação dos comportamentos dos técnicos em treino e competição, que veio a dar origem à elaboração de uma grelha de registo das acções assumidas pelos treinadores na interacção com os praticantes (Smith, Smoll & Curtis, 1979; Smith, Smoll & Hunt, 1977).

A segunda proposta, dirigida por Chelladurai (1984) defendia que os níveis de performance das equipas e a satisfação dos atletas dependiam da conjugação entre três tipos de comportamentos do treinador: os exigidos pelo envolvimento, os preferidos pelos atletas e os efectivamente assumidos no quotidiano da equipa. Para o autor, quanto mais o treinador assumir um estilo de liderança que englobe os aspectos referidos maior será a possibilidade de obter sucesso no trabalho com os atletas e equipas.

O terceiro método realça a necessidade de se estudar detalhadamente as funções dos treinadores em actividades concretas desenvolvidas na preparação dos atletas e das equipas, seja em contextos de treino ou de competição (Côté & Salmela, 1996; Côté, Salmela, & Russell, 1995). Os resultados obtidos neste modelo concluíram que os treinadores justificam as suas acções através de uma análise prévia das suas capacidades e características pessoais seguindo-se a avaliação das potencialidades dos atletas e o estudo das exigências externas onde exercem as suas funções.

Desta forma, os objectivos do estudo são:

1. Verificar o estilo de liderança dos treinadores através de entrevistas previamente planeadas.
2. Observar e analisar a comunicação de treinadores de Futebol de atletas masculinos do escalão de sub-15 em situação de competição.
3. Descrever as atitudes face à prática desportiva, as orientações para a realização de objectivos e as percepções do comportamento do treinador expressas pelos atletas das equipas supervisionadas pelos treinadores observados.

CAPÍTULO 2:

Entrevistas aos treinadores

2.1. Objectivos da entrevista

A entrevista tenta ser um instrumento de recolha de dados sobre o sistema de crenças e convicções do treinador como figura central do processo de treino. Optou-se por uma entrevista oral sujeita a gravação autorizada, em detrimento de um questionário que, eventualmente, diferenciaria os treinadores de acordo com o seu nível de instrução.

As entrevistas seguem um conjunto de aspectos temáticos que pretendem identificar o pensamento do treinador relativamente ao seu papel durante os jogos, a saber:

1. Estilo de liderança:

- a) Comando das acções ditadas pelo treinador em estilo autocrático
- b) Treinador observador e defensor da autonomia dos atletas

2. Reforço das acções dos atletas:

- a) Entusiasmo
- b) Instrução

3. Orientação para os objectivos por parte dos atletas

- a) Ênfase nos resultados e no estatuto
- b) Ênfase nos progressos e no empenhamento nas tarefas

4. Batota e *fair-play*

- a) Respeito pelas regras do jogo
- b) Entendimento minimalista das regras e regulamentos

5. Convenções e clima de trabalho

- a) Visão mecânica e utilitária das regras e normas
- b) Interpretação do espírito desportivo como facto social independente e portador de normas, valores e atitudes próprias

6. Talento

- a) Entendimento do talento como um dom
- b) Entendimento do talento como o resultado da reunião de características inatas e de um trabalho metodológico bem conduzido do ponto de vista da quantidade e qualidade do treino

Tentou-se que a generalidade dos tópicos sejam abordados em mais do que uma questão para perceber a consistência interna das respostas. Adicionalmente, o guião de entrevista foi testado a um treinador não utilizado na amostra, tendo o referido guião sido validado pelo orientador da presente pesquisa e também pelo investigador de pedagogia do desporto afecto ao Centro de Investigação do Desporto e Actividade Física.

2.2. Opções metodológicas

Entrevistados

Enunciado das questões

- QUESTAO 1: Comente a seguinte frase: "Durante os jogos, os treinadores não devem comandar as acções de jogo prestando informações aos atletas".
- QUESTAO 2: Durante os jogos, os treinadores devem prestar muito entusiasmo e estar constantemente a dar força anímica aos jogadores?
- QUESTAO 3: As informações durante os jogos devem servir sobretudo para os atletas saberem o que estão a fazer bem e o que estão a fazer mal?
- QUESTAO 4: Os atletas devem estar motivados para serem os melhores e isso faz com que trabalhem e se esforcem mais, mesmo sabendo das suas limitações e capacidades na modalidade?
- QUESTAO 5: Comente a seguinte frase: "Não me importo que os meus atletas façam batota desde que ninguém veja, pois eles estão a ser treinados para serem atletas profissionais e estes aspectos são decisivos para o sucesso".
- QUESTAO 6: Para a avaliação que faz dos seus atletas, é muito importante o esforço e a dedicação que colocam nos

treinos e competições, independentemente do talento?

QUESTAO 7: Comente a afirmação: “O desporto possui convenções que estão desactualizadas aos novos tempos. Não vejo nenhuma utilidade no facto dos atletas terem que ir apertar a mão aos adversários e ao árbitro”.

QUESTAO 8: Durante os jogos, se os jogadores não aceitarem ou não obedecerem o comando que está a ser dado pelo treinador devem ser substituídos?

QUESTAO 9: Os jogos correm melhor se os treinadores se mantiverem calados e se limitarem a observar o que está a acontecer?

QUESTAO 10: Durante os jogos, os atletas que não estiverem a ser produtivos ou que estejam a cometer erros tem que ser punidos, pois não estão a altura dos acontecimentos e alguém tem que lhes dizer o que não gostam de ouvir?

QUESTAO 11: Os atletas devem acreditar que podem melhorar e isso depende do empenho que possuem nos jogos e treinos?

QUESTAO 12: Fico satisfeito quando os meus jogadores interpretam o espírito desportivo e ajudam os árbitros a tomar as decisões correctas (como por exemplo faltas e foras-de-jogo) mesmo que isso nos possa prejudicar no resultado?

QUESTAO 13: Os jogadores talentosos são diamantes e não os devemos desperdiçar, mesmo que, por vezes, não estejam empenhados e esforçados como gostaria?

QUESTAO 14: Os jogos e as competições devem ser carregados de comportamentos simbólicos, mesmo que isso custe aos atletas e aos treinadores?

2.3. Entrevista ao treinador A

QUESTAO 1: Comente a seguinte frase: "Durante os jogos, os treinadores não devem comandar as acções de jogo prestando informações aos atletas".

R: Eu acho que nem 8 nem 80. Por um lado, não devemos tirar liberdade, comandar ou fazer com que o jogador seja um mero cone daquilo que o treinador quer e devemos libertá-los um bocadinho, é verdade, porque o trabalho que o miúdo faz é aquilo que trabalhou, com os meus ensinamentos durante a semana. No entanto, acho que há momentos do jogo em que o treinador tem que intervir, não comandar totalmente, mas deve intervir, abrindo sempre um espaço para o miúdo explicar o seu talento, explicar a sua decisão, mas há momentos em que o treinador tem que intervir, na minha opinião.

NM: E dar pistas em relação ao que o jogador deve fazer ou dizer-lhe mesmo aquilo que ele tem de fazer?

R: Dar pistas, dar possibilidades ao que ele pode fazer. Se bem que continuo a dizer: há momentos do jogo em que o treinador diz o que o jogador deve fazer... estou a falar de um corte essencial, de um pontapé de baliza, de um pontapé de canto que não estamos a marcar correctamente e em que o treinador tem que intervir, de uma situação de jogo, numa bola parada defensiva, é uma situação em que nós temos uma visão privilegiada para

dentro do campo e, normalmente, temos que dizer exactamente aquilo que o jogador tem de fazer, tem de marcar, tem de ocupar o espaço...

QUESTAO 2: Durante os jogos, os treinadores devem prestar muito entusiasmo e estar constantemente a dar força anímica aos jogadores?

R: Sem dúvida, mesmo quando estás a perder, mesmo quando sofres um golo a tua função, no banco, é animar quem está lá dentro. Depois, depende do grupo de trabalho que tiveres, mas se o teu grupo de trabalho for um grupo que não necessite dessa intervenção e esteja constantemente animado, constantemente lá em cima, a tua intervenção pode ser menor, mas se sentires que o grupo precisa, obviamente, claro que sim. Agora, é ignorância não continuar a bater palmas e a dizer “vamos lá malta, ainda não acabou” mesmo estando a perder 7-0... Não quero que os meus atletas baixem os braços, não quero que desistam. E na situação contrária a mesma coisa.

QUESTAO 3: As informações durante os jogos devem servir sobretudo para os atletas saberem o que estão a fazer bem e o que estão a fazer mal?

R: O treinador deve reforçar as duas coisas. A tua intervenção, na minha opinião, deve ser curta e concisa e deve ser directa para aquilo que tu pretendes. Obviamente, se o treinador felicita o atleta por algo que fez bem também deve fazer ver ao atleta aquilo que ele fez mal para rapidamente, na próxima jogada o jogador não falhar, para estar alerta para aquilo que acontece.

QUESTAO 4: Os atletas devem estar motivados para serem os melhores e isso faz com que trabalhem e se esforcem mais, mesmo sabendo das suas limitações e capacidades na modalidade?

R: Devem estar motivados para dar o seu máximo. Isso de ser o melhor é muito relativo. Devem estar motivados para, em cada momento, estar focado

e dar o máximo que puder. Esse meu atleta pode não ser o melhor mas, se sei que naquele momento deu o máximo para mim já é muito satisfatório.

NM: Então não tenta balizar as qualidades do seu atleta mas tenta consciencializá-lo das suas capacidades?

R: Exactamente. E se ele conseguir trabalhar sempre bem perto das suas potencialidades e trabalhar cada vez mais para chegar mais lá acima essa é a grande vitória do treinador. E conseguir potencializar aquilo que o atleta pode fazer.

QUESTAO 5: Comente a seguinte frase: “Não me importo que os meus atletas façam batota desde que ninguém veja, pois eles estão a ser treinados para serem atletas profissionais e estes aspectos são decisivos para o sucesso”.

R: Não, não treino para os meus atletas fazerem batota e nem treino para serem profissionais. Nem uma coisa nem outra. Treino para, lá está, como falei á pouco, que sejam bons atletas, bons seres humanos e, que ainda por cima nesta idade, que tem aprender normas diferentes, saber fazer, saber comportarem-se... Acima de tudo treino consoante aquilo que cada um pode dar e que cada um tem potencial para dar. Nunca treinei batota, não treino para serem os melhores nem para serem Cristianos Ronaldos. Para mim é uma fantasia pensar em alto rendimento aqui. Neste ambiente alto rendimento é eu poder exponencial a capacidade individual de cada um e englobá-la na equipa. Isso para mim, a este nível, é o alto rendimento. Se tu conseguires treinar isto e conseguires potencializar ao máximo cada atleta em função daquilo que tens, em função da equipa, é fantástico. Falando num campeonato distrital de Iniciados. Nós temos atletas que não querem ser jogadores de futebol... querem crescer, querem ser inseridos num grupo, querem dar o máximo, gostam disto mas não querem ser jogadores de futebol. Portanto, como é que vais treinar para o alto rendimento se tens atletas que não estão para ai virados? Neste curto espaço de tempo vamos

dar aquilo que ele quer, vamos trabalhar aquilo que ele pode, o seu potencial sempre em consonância com aquilo que a equipa precisa.

QUESTAO 6: Para a avaliação que faz dos seus atletas, é muito importante o esforço e a dedicação que colocam nos treinos e competições, independentemente do talento?

R: Exactamente. Trabalhar sempre no máximo, trabalhar sempre por objectivos, trabalhar sempre focado e com vontade para melhorar naquilo que vemos como principal objectivo da equipa.

QUESTAO 7: Comente a afirmação: “O desporto possui convenções que estão desactualizadas aos novos tempos. Não vejo nenhuma utilidade no facto dos atletas terem que ir apertar a mão aos adversários e ao árbitro”.

R: Claro que não concordo. O futebol também é saber estar, é um desporto de equipa, colectivo e ainda por cima nestas idades se treinarmos batota, como falamos á pouco, se nós incutirmos isso no processo de desenvolvimento dos miúdos, que não se deve cumprimentar estamos a trabalhar mal. Estamos a trabalhar seres humanos, miúdos de 14 anos, ainda são muito verdinhos e portanto todos os dias aprendem aqui. Portanto, também quero que através do treino eles evoluam socialmente porque estamos a formar os homens do futuro.

QUESTAO 8: Durante os jogos, se os jogadores não aceitarem ou não obedecerem o comando que está a ser dado pelo treinador devem ser substituídos?

R: Se não obedecerem ao comando, se não obedecerem àquilo que o treinador acho que sim. Se o jogador não está a realizar aquilo que lhe foi pedido, se não está a trabalhar para o melhor de si mesmo e da equipa, obviamente que o treinador vai substitui-lo, mas não estou a ver isso a acontecer porque se o atleta entra em campo, se o atleta joga é porque tem a

confiança do treinador. Se há essa confiança penso que isso não vai acontecer. Mas se algum dia acontecer, obviamente, que o treinador tem de optar por retirar o jogador. A substituição pode aí ser uma forma de punição. Tu, no banco, deves ter opções para fazer aquilo que é preciso. Se os jogadores em campo não corresponderem há outros para a vaga.

QUESTAO 9: Os jogos correm melhor se os treinadores se mantiverem calados e se limitarem a observar o que está a acontecer?

R: Não creio. Pode acontecer como pode não acontecer. Não creio que seja uma ideia fixa. Essa atitude e forma de estar passiva do treinador lembra-me o que um treinador amigo me disse há uns anos: “Há várias maneiras de esfolar o rato”. Há treinadores que tem essa posição, não discordo, mas eu não sou esse tipo de treinador que fica passivo durante o jogo todo, sem dar nenhuma indicação para dentro de campo. Não sou um treinador que não aplaude o atleta, não sou o treinador que não chama a atenção... Cada um tem a sua maneira de estar no futebol, não posso dizer se é a mais certa ou errada.

NM: Poderá achar que o facto de estar em silencio possa ter a haver com a qualidade da sua equipa?

R: Pode ser como pode não ser. Tu tens jogos em que tens o José Mourinho calado todo o jogo, sem dar uma única indicação para o terreno e tens jogos em que o Mourinho não se senta uma única vez. Portanto, depende de como está a correr o jogo. Não quer dizer que a equipa jogue mal, precisa é da informação do treinador. Há momentos em que a equipa precisa de um aplauso ou precisa de um berro. Há momentos em que a equipa precisa que o treinador esteja quieto e deixe jogar.

QUESTAO 10: Durante os jogos, os atletas que não estiverem a ser produtivos ou que estejam a cometer erros tem que ser punidos, pois não estão a altura dos acontecimentos e alguém tem que lhes dizer o que não gostam de ouvir?

R: A punição pode ser uma chamada de atenção, uma substituição como dissemos á pouco, ficar fora da convocatória mas isso tudo acontece, normalmente na semana de treinos. O treinador tem uma semana para avaliar, para treinar, para preparar o jogo ao domingo. Custa-me acreditar que um jogador chegue ao domingo e não faça nada daquilo que treinou, que sabe e que lhe foi pedido. Se isso acontecer há várias maneiras de punir. Depois, em relação ao “dizer o que não gostam de ouvir” depende dos jogadores. Temos aqueles jogadores que não se importam que tu os critiques em grupo e isso vai fortalecê-los ainda mais, mas depois temos aqueles jogadores que se falares perante o grupo e se os chamares a atenção perante o grupo de trabalho vai piorar o desempenho. Cada caso é um caso. Eu não lido da mesma maneira com um jogador A e com um jogador B. Depende das pessoas que tens á frente e do que eles estão a precisar no momento.

QUESTAO 11: Os atletas devem acreditar que podem melhorar e isso depende do empenho que possuem nos jogos e treinos?

R: Obviamente que sim. Num atleta a formação nunca acaba, portanto há sempre espaço para melhorar, seja um aspecto tático, um aspecto físico, um aspecto mental... há sempre espaço para melhorar e os atletas só tem que trabalhar, que dar o máximo, sempre focados nos objectivos. Portanto, eles só têm que acreditar que podem melhorar. E o treinador tem a função de os motivar, o trabalho do treinador não termina. Há sempre espaço para melhorar e o treinador tem de ser responsável por esse melhorar dos atletas. O maior exemplo que eu posso dar é o de que um atleta que não joga, que tem poucos minutos de utilização ao domingo tem que acreditar que nessa semana pode jogar. Portanto, aqui não há atletas encostados. Todos, á 2ª feira devem acreditar que no domingo seguinte podem entrar para ajudar a

equipa. Eu até costumo dizer que tenho 24 titulares, portanto joga quem está melhor. Tem de ser esse o pensamento dos jogadores.

QUESTAO 12: Fico satisfeito quando os meus jogadores interpretam o espírito desportivo e ajudam os árbitros a tomar as decisões correctas (como p.e. faltas e foras-de-jogo) mesmo que isso nos possa prejudicar no resultado?

R: Fico satisfeito quando o atleta tem uma atitude correcta seja com o arbitro, seja com o publico ou seja com o adversário. Isso sim, deitar a bola fora quando um jogador está aleijado, que haja *fair-play*. O *fair-play* faz parte do jogo, é para ser tomado. Se for contra a nossa equipa, depende da situação, depende do jogo. Obviamente que se for no início do jogo e nós marcarmos golo devido a uma lesão grave do GR e se a minha equipa achar por bem consentir um golo não fico chateado. Eu se estivesse a jogar naquele momento tinha essa decisão. Mas depende de muita coisa, da importância do jogo, da importância da decisão para o resultado...

QUESTAO 13: Os jogadores talentosos são diamantes e não os devemos desperdiçar, mesmo que, por vezes, não estejam empenhados e esforçados como gostaria?

R: Eu vejo todos os jogadores como diamantes. Uns têm, obviamente, mais talento que outros. Todos têm de trabalhar, portanto vamos voltar á questão do potencial. Acredito que naquele caso em que o jogador tem muito potencial, acredita que tem esse potencial mas não trabalha o treinador é responsável por chamá-lo á razão. O treinador tem de explorar ao máximo esse potencial. Eu próprio tenho esses casos na minha equipa. Tenho atletas que tem um potencial enorme, que são miúdos de 14 anos, que são miúdos supra-sumo, que dentro do jogo são capazes de fazer coisas inacreditáveis e que no processo de treino treinam mal, não tem a vontade dos outros, não tem a dedicação dos outros. Cabe ao treinador, cabe-me a mim fazer com que eles sejam obrigados a trabalhar. Fazer senti-los que se não trabalharem como o restante plantel não jogam, ficam de fora. Eu tenho que premiar quem

trabalha e não premiar só porque é melhor. Quem trabalha merece jogar, quem se dedica merece jogar.

QUESTAO 14: Os jogos e as competições devem ser carregados de comportamentos simbólicos, mesmo que isso custe aos atletas e aos treinadores?

R: Sempre! Mesmo que nos custe cumprimentar o árbitro ou o adversário, faz parte dos objectivos da formação tanto deste clube como do treinador, da ética cumprimentar toda a gente. E tudo um processo de formação, desde o 1º momento do treino até á entrada para os balneários a seguir ao jogo de domingo. Temos que trabalhar, que formar bem, temos que ser bem comportados e respeitadores, temos que crescer todos como treinadores, atletas e seres humanos. Os próprios pais são importantes. Mesmo que por vezes nos custe um bocadinho devemos ter esses comportamentos de respeito e bem-estar.

2.4. Entrevista ao treinador B

QUESTAO 1: Comente a seguinte frase: "Durante os jogos, os treinadores não devem comandar as acções de jogo prestando informações aos atletas".

R: Isto depende muito do estilo de ensino que é colocado, quer nos próprios treinos, quer nos próprios jogos. Se é um treinador que está habituado a proceder através do estilo de ensino de comando, o treinador, certamente, que vai realizar isso que a afirmação transmite, vai tentar conduzir as acções dos seus atletas porque tem medo do resultado do próprio jogo, isto é, tem uma filosofia com medo de perder, logo vai comandá-los para ter total controlo da situação e, portanto, total controlo do jogo. Agora, na minha filosofia, eu tento o mínimo possível proceder e seguir por esse estilo de ensino de comando. Normalmente, utilizamos muito o estilo de ensino por descoberta guiada, de tentativa e erro, deixar que o aluno cometa os erros que tem de cometer, dar-lhe liberdade para errar, tentamos formar

jogadores autónomos, criativos e que tomem decisões e pensamos que só desta forma é que eles poderão tomar decisões. Se não tiverem autonomia....

Nuno Mota: Concorda, então, com a afirmação?

R: Concordo, na medida de que se forem comandados não vão ter a liberdade para decidir, não vão tomar decisões, logo vão estar a seguir o manual de soluções do treinador e não as suas próprias decisões.

QUESTAO 2: Durante os jogos, os treinadores devem prestar muito entusiasmo e estar constantemente a dar força anímica aos jogadores?

R: Sim. Agora, temos de balizar o que é transmitir alegria e entusiasmo e dar motivação com aquilo que foi abordado na questão anterior, com a questão do comando, isto é, eu posso estar constantemente “vai,vai,vai.... Bora, bora, bora...” com este tipo de feedback, no sentido de dar intensidade aos meus jogadores, faltando saber se isto poderá dar-lhes ou não motivação. Eu, pessoalmente, acho que a motivação deve ser intrínseca.

NM: O que entende por motivação intrínseca?

R: Motivação intrínseca tem a ver com a motivação que parte do aluno, do jogador. Agora, claro que o treinador tem um papel importantíssimo, caso contrario, colocávamos e não se passava mais nada. A função do treinador é corrigir o que tem de corrigir, reforçar positivamente quando o aluno realiza as tarefas de forma correcta.... Podemos, chama-se efeito de sanduiche, tentar reforçar positivamente, dar a correcção e dar, de novo, o feedback positivo de forma a que o aluno se sinta motivado e ao mesmo que saiba que qual o aspecto que tem de melhorar.

QUESTAO 3: As informações durante os jogos devem servir sobretudo para os atletas saberem o que estão a fazer bem e o que estão a fazer mal?

R: Normalmente quando damos uma informação comete-se muitas vezes o erro de tentar corrigir aquilo que está mal e muitas vezes perde-se a noção do que está bem feito e reforça-se pouco o que está bem feito. Na nossa Academia tentamos ao máximo reforçar aquilo que é bem feito, parte muito por ai. Acho que o reforço positivo deve ser uma constante, agora, concordo ao ponto de hoje em dia, mesmo no futebol de formação, os treinadores não darem feedbacks positivos. A frequência de feedbacks positivos é pequena.

NM: Puxando um pouco a cassete atrás, o que está a tentar dizer é que os treinadores com estilo de ensino por comando tendem a dar mais feedbacks negativos que positivos?

R: Sim. Dão feedbacks pouco específicos, essencialmente é um feedback (que eu nem sei se se pode chamar de feedback...), no fundo é só uma informação e a informação o aluno já sabe, que é a de que errou ou que tinha de fazer golo ou “como é que falhaste?” que são feedbacks muito utilizados e que não acrescentam nada, são feedbacks vazios, sem conteúdo e que vão só mostrar aquilo que o aluno já sabe.

QUESTAO 4: Os atletas devem estar motivados para serem os melhores e isso faz com que trabalhem e se esforcem mais, mesmo sabendo das suas limitações e capacidades na modalidade?

R: Na minha opinião sim. Devemos consciencializar os alunos do seu real valor. Agora, acho que a verdade é sempre uma boa ferramenta, mesmo numa academia, na organização do treino por estações, em que criamos vários grupos de nível temos de ser honestos e temos que tentar colocar objectivos e estímulos adequados a cada um dos grupos. Claro que os alunos do grupo avançado vão sentir-se num nível acima dos do nível elementar e os do nível elementar e introdutório vão se sentir um nível abaixo do grupo

avançado, agora, aqui também cabe a comunicação do treinador, essencialmente, aqui é que ele entra, é o papel dele de motivar, como motivar, quais as estratégias, que conteúdos são adequados, como é que ele não se vai sentir inferior ao outro só porque está num grupo mais fraco.... Aqui é onde ele terá que trabalhar. O treino tem de promover o seu sucesso, eles no treino tem que sentir que tem sucesso e só vão ter sucesso se estiverem com alunos do seu nível, com um desafio adequado á sua frente. Portanto, se eu colocar um aluno do nível introdutório a jogar com um de nível avançado, certamente que o de nível introdutório nunca terá sucesso e o de nível avançado vai ter sempre sucesso. O que é que vai acontecer: o de nível avançado vai ter sempre sucesso mas só que não é desafiado logo não vai aprender tanto quanto podia e o de nível introdutório vai experimentar constantemente a frustração e o insucesso e passadas umas semanas está a pedir para sair do futebol.

QUESTAO 5: Comente a seguinte frase: “Não me importo que os meus atletas façam batota desde que ninguém veja, pois eles estão a ser treinados para serem atletas profissionais e estes aspectos são decisivos para o sucesso”.

R: Eles não devem ser treinados como atletas de alta competição. Alunos desta idade não são adultos em miniatura, logo, não podemos estar a querer ensinar primeiro as manhas e os vícios antes de lhes ensinar o que é o jogo, de lhes transmitir valores, de educá-los e formá-los. Acho que a grande vantagem, aqui, é formar as crianças, transmitir-lhes valores, prepará-los, antes de serem jogadores, para serem homenzinhos no futuro. Não é ensinando o “lado escuro” que vamos conseguir formá-los ou seja o que for. Lá está, eles não são adultos em miniatura, aquilo que fazemos não poderá ir com o objectivo de se fazer como nas equipas profissionais só porque nos Seniores se faz assim. Ao contrário, teríamos alunos desde os 5/6 anos a jogar futebol de 7 e futebol de 11. Na nossa Academia não. Nós tentamos colocar formas jogadas adequadas a cada grupo, não devemos colocar uma competição desajustada, isto é, como um conhecido pedagogo afirmou: “os

sapatos devem estar ajustados ao pé, a competição deve estar adequada a cada aluno”. Assim, discordo da afirmação.

QUESTAO 6: Para a avaliação que faz dos seus atletas, é muito importante o esforço e a dedicação que colocam nos treinos e competições, independentemente do talento?

R: Na minha opinião, o papel do treinador é o de reforçar mais o esforço, o empenho e a dedicação que o talento. No entanto, não deve afastar-se, na mesma, de reforçar quando os alunos talentosos fazem bem ou ma. Agora, principalmente, mesmo que não alcancem os objectivos, mesmo que alguns exercícios eles não os consigam realizar de forma correcta, devemos reforçar o esforço e o aspecto de melhoria, mas tentar reforçar positivamente o esforço e a dedicação que são realizados pelo aluno. Agora, em relação aos alunos talentosos, muitas das vezes, nós tentamos que eles não facilitem, não baixem o nível de intensidade só porque se sentem mais talentosos. Isto é como tudo, o treinador tem que observar, tem que ter a percepção de quem está realmente com menos intensidade porque aquilo não está criar o estímulo, o desafio, podendo ser mesmo do próprio treino, que não seja um desafio. Então, cabe ao treinador tornar o treino mais motivante, levando a que o aluno se continue a desafiar a ele mesmo, que tente superar-se...

QUESTAO 7: Comente a afirmação: “O desporto possui convenções que estão desactualizadas aos novos tempos. Não vejo nenhuma utilidade no facto dos atletas terem que ir apertar a mão aos adversários e ao árbitro”.

R: Eu discordo. Eu acho que a possibilidade de cumprimentar o árbitro, o banco e os jogadores adversários é algo natural do jogo e são rotinas que devem ser inculcadas desde os escalões de base. São todos agentes do jogo e se é um jogo é um jogo... os jogadores estão a ser formados, é um momento de aprendizagem e pura e simplesmente os jogadores devem respeitar os seus agentes. O adversário que está ali não é um conjunto de pessoas que

nos quer mal, estão ali para disputar o jogo e ganha quem tiver mais sorte, por vezes, e quem tem mais qualidade, a maior parte das vezes. O jogo deve ser respeitado, tal como todos os intervenientes. No meio disto, o árbitro deve ter um papel cada vez mais formativa á medida que vamos baixando no nível etário dos atletas. A minha função é a de transmitir valores, respeito pelo adversário e pelo árbitro que é algo que eu defendo que deve vir desde baixo, desde os escalões primários do futebol.

QUESTAO 8: Durante os jogos, se os jogadores não aceitarem ou não obedecerem o comando que está a ser dado pelo treinador devem ser substituídos?

R: Por mim não são comandados... Se estiverem a portar mal ou não estiverem a cumprir com as observações e ideias do treinador não devem ser substituídos por causa dessa razão, antes devem ser corrigidos, deve-se reforçar positivamente tudo aquilo de bom que ele tenha feito, porque alguma coisa deve ter sido boa, senão vai gerar uma frustração no jovem. Agora, se for uma falta de respeito deve ser substituído, mas também depende da falta de respeito. Se for um insulto a um árbitro, um insulto a um adversário, seja uma falta propositada com excesso de gravidade para com o adversário entendo que deva ser substituído. Agora, também devemos explicar-lhe o porque de ter sido substituído. Essa explicação levará o atleta a aprender o certo e o errado e poderá levar a que ele entenda realmente o motivo daquela substituição, caso contrário, se as coisas não forem bem explicadas pode cair em saco roto.

QUESTAO 9: Os jogos correm melhor se os treinadores se mantiverem calados e se limitarem a observar o que está a acontecer?

R: Calados é uma palavra um pouco dura. Agora, entendo porque faz essa pergunta. Acho que hoje em dia, o treinador passa pouco tempo a observar e quem não observa, não se apercebe realmente dos erros e das limitações, muitas das vezes daquilo que está a ser bem feito. Portanto, acho que sim,

acho que devemos parar mais para observar, devemos manter o silêncio, por vezes, mas ao mesmo tempo não podemos fazer do silêncio prática regular, isto é, o treinador nem deve ser o comando que se falava á pouco, de estar constantemente a controlar as acções dos atletas, mas ao mesmo tempo também não deve manter-se em silêncio, caso contrario poderá negligenciar alguns conteúdos que estão a ser treinados e que poderiam ser corrigidos naquele preciso momento. Portanto, é tentar fazer um equilíbrio entre as duas coisas, entre a observação e a correcção/feedback. Por outro lado, essa postura depende muito do nível competitivo da equipa que comandamos. No meu caso em particular tenho uma equipa de Iniciados, com o nível competitivo muito baixo, alunos que nunca competiram a nível federado, outros que tem 1 ano de futebol de 7 e que passaram agora para o futebol de 11 e que estamos a competir com equipas que já tem 4 anos de competição federada, alguns deles tem mais de 6 anos de futebol, os nossos alguns tem 2 anos, outros meio ano, portanto, aquilo que acontece é natural, é quem tem melhores resultados é quem tem os melhores jogadores. Na formação é assim que funciona e o treinador tem que simplesmente corrigir alguma coisa, tem que orientar aquilo que tem para orientar, no entanto, eu sinto-me no dever de tentar um equilíbrio, um misto entre os 2 estilo de ensino, o de descoberta guiada e o de comando. Nos meus jogos tenho que estar constantemente a reforçar o pouco que eles fazem bem, quanto ao estilo de ensino por vezes dou por mim a ser controlador, na medida em que, conduzo os meus jogadores ao meu manual de soluções, mas a verdade é que com tão pouca orientação, tão pouco conhecimento do jogo, por vezes, sinto a necessidade de controlar as acções. Embora eu seja o primeiro a dizer que não devo faze-lo e que devo oferecer-lhes pistas para eles chegarem ás soluções dos problemas. Mas, por vezes, com uma equipa de tão baixo nível competitivo, por vezes temos de tentar arranjar um equilíbrio.

QUESTAO 10: Durante os jogos, os atletas que não estiverem a ser produtivos ou que estejam a cometer erros tem que ser punidos, pois não estão a altura dos acontecimentos e alguém tem que lhes dizer o que não gostam de ouvir?

R: Depende da forma como comunicarmos. Uma substituição acaba por ser uma punição, sem dúvida. Eu acho que uma substituição pode surgir num momento após várias comunicações anteriores sobre o mesmo problema, isto é, se o erro for cometido, se o treinador tentar corrigir uma, duas, três, quatro vezes, eu acho que a substituição poderá ser uma forma de punição, mas também de tentar algo melhor. Claro que um aluno sairá frustrado mas, por exemplo, tenho um aluno meu que estou constantemente a tentar corrigir aspectos ligados a intensidade de jogo, quero que ele corra mais, que de um pouco mais de si.... Claro que a nível táctico não tem tão grande conhecimento do jogo, mas a nível individual e ao nível de intensidade tenho a perfeita noção de que poderia dar muito mais e são coisas com que todos os treinos me preocupo, no entanto, não corrijo nem no treino, nem nos jogos e ter que substituí-lo. Agora, se eu substituí-lo e não lhe disser nada, não lhe comunicar nada, vai cair em saco roto. Vamos ter de lhe dizer o que ele não gosta de ouvir, agora, temos de saber como dizer-lo, temos de conhecer o atleta. Será que vamos dizer-lo em frente do grupo? Será que lhe comunicamos a sós com ele? Isto depende de atleta para atleta, temos de conhecer bem os alunos que temos. Agora, temos outros casos. Por exemplo, se um miúdo falhar um penálti acho que não deve ser punido. Nesse caso particular, não deve ser punido porque o erro é humano.

QUESTAO 11: Os atletas devem acreditar que podem melhorar e isso depende do empenho que possuem nos jogos e treinos?

R: Completamente! Se eu não estiver a treinar de acordo com as minhas capacidades, se não tentar superar-me será difícil eu melhorar seja o que for. Será sempre só mais um treino... Vai-se para o treino, não se vai treinar, como se costuma dizer. Agora, se eu fizer o que esta ao meu alcance, se treinar constantemente com afinco, com dedicação, com empenho de

certeza absoluta que vou passar para o nível seguinte e o treinador tem a responsabilidade de colocar novos desafios, novos conteúdos que estão estipulados no plano anual, nos seus mesociclos e vai certamente conseguir motivar e levar o atleta para o nível seguinte de aprendizagem. Mas isso depende da motivação do jogador, depende do empenho dele.

QUESTAO 12: Fico satisfeito quando os meus jogadores interpretam o espírito desportivo e ajudam os árbitros a tomar as decisões correctas (como p.e. faltas e foras-de-jogo) mesmo que isso nos possa prejudicar no resultado?

R: Pessoalmente, sim, gosto que os meus alunos tenham esse comportamento e normalmente alunos que são honestos e que ajudam de certa forma o árbitro a tomar as melhores decisões são também os alunos que tem mais rendimento, digamos assim, que tem melhor desempenho e melhor performance na medida em que também eles sabem que o melhor para o jogo depende deles e se eles derem o melhor de si de certeza absoluta que a nível colectivo vai conseguir alcançar os melhores desempenhos. Portanto, embora não aconteça com muita frequência eu ficaria muito satisfeito.

NM: E se numa final de campeonato, um jogador seu ao simular um penálti, admitisse o erro ao árbitro? Como reagiria?

R: E uma boa questão, eu acho que ia fingir que nada vi... Fora de brincadeiras, ficaria satisfeito por um jogador meu admitir o erro, agora estaria a colocar um problema grave ao árbitro, na medida em que ele já tinha apitado. Agora, temos que perceber que as atitudes dos jogadores não estão exclusivamente ligadas ao papel do treinador e aquilo que é feito no treino, há muita coisa que está oculta, que vem de casa e que não conseguimos controlar. Agora, parte de simular uma falta e depois reconhecer, também não seria um aluno qualquer a fazer esta parte.

Portanto, acho que ao simular a falta ele já sabia que tinha feito alguma coisa mal e ele mesmo não iria dizer ao árbitro que não era falta.

QUESTAO 13: Os jogadores talentos são diamantes e não os devemos desperdiçar mesmo que, por vezes, não sejam empenhados e esforçados como eu gostaria?

R: Voltamos á questão anterior, mesmo um jogador muito talentoso deve ser alvo de um treino que exija mais dele. Por exemplo, Cruyff dizia que “os jogadores talentosos devem jogar mais tempo do que os outros” e isto não coloca qualquer transtorno e mais, o jogador talentoso, se calhar não vai receber tantos feedbacks positivos como os seus colegas, muitas vezes por erro do próprio treinador, que já sabe que ele faz algo tão bem porque haverá de o elogiar? Se isto acontece está na altura de passar para o passo seguinte, para o próximo conteúdo, passar para um subprincípio mais exigente e de colocar um desafio mais exigente também. E no jogo tentar ver se esse subprincípio já é cumprido pelo aluno e acho que esta é a melhor forma do atleta também se sentir desafiado, do jogador talentoso se motivar, de certa forma, também de se empenhar mais no jogo e não cair naquela ideia de facilitar e não jogar com toda a intensidade que podia.

NM: A pouco falou da motivação intrínseca dos atletas. E aqui que ela entra?

R: Exactamente. Normalmente, o jogador talentoso tem sempre motivação intrínseca, mas caso isso não aconteça, de certeza absoluta que as ocorrências poderão mudar os papéis, digamos assim. Aquele que era talentoso poderá deixar de o ser se não se empenhar, se não treinar e se não procurar evoluir e se calhar o atleta com mais dificuldades, com trabalho e dedicação tornar-se-á um atleta talentoso. O treinador deve estar preparado para entender porque é que o jogador talentoso não está motivado, não está com a mesma intensidade que já apresentou antes e quais as razões dessa pouca motivação. Primeiro, temos de perceber porque é que ele não esta motivado e por vezes temos de perceber o que se passa em casa, porque

estamos a falar de crianças e jovens. Há problemas que o treinador não consegue controlar ou que não conhece e acho que devemos comunicar com a família e a escola de maneira a ter um trabalho conjunto para que o atleta tenha sucesso.

QUESTAO 14: Os jogos e as competições devem ser carregados de comportamentos simbólicos, mesmo que isso custe aos atletas e aos treinadores?

R: Sim, eu acho que isso só pode trazer vantagens. Claro que custa, por vezes, por se sentirem injustiçados pelo árbitro nalgumas decisões, ir cumprimentar o árbitro. O meu papel é de contrariar essas tendências e procurar focar-me mais nos aspectos técnicos e táticos do jogo e dizer-lhes que o árbitro passa ao lado daquilo que é importante. O gesto que considero importante é o agradecimento aos pais e família no final de cada jogo, independentemente do resultado, porque fazem um esforço enorme ao irem levar os atletas aos treinos, aos jogos e merecem que, no fim, os seus filhos, netos, sobrinhos lhe dirijam alguma consideração.

2.5. Quadro resumo e síntese das entrevistas

Tabela 1. Análise do sistema de convicções do treinador A como elemento de presságio da dinâmica da equipa em competição e das atitudes individuais dos jovens atletas

Treinador A					
Estilos de Liderança	Reforço das acções	Orientação para os objectivos	Batota e <i>Fair-Play</i>	Convenções e clima de trabalho	Talento
<p>“Há momentos do jogo em que o treinador tem que intervir, não comandar totalmente, mas deve intervir, abrindo sempre espaço para o miúdo explicar o seu talento, explicar a sua decisão, mas há momentos em que o treinador deve intervir, sem dúvida (...) nós temos uma visão privilegiada para dentro do campo e, normalmente, temos que dizer exactamente aquilo que o jogador tem de fazer (...) Não sou o tipo de treinador que fica passivo durante o jogo, sem dar indicações para dentro do campo.”</p>	<p>“Mesmo quando estás a perder, mesmo quando sofres um golo, a tua função, no banco, é animar quem está lá dentro. Depois, depende do grupo de trabalho que tiveres, mas se o teu grupo de trabalho for um grupo que não necessite dessa intervenção e esteja constantemente animado, a tua intervenção pode ser menor, mas se sentires que o grupo precisa, claro que sim (...) Há momentos em que a equipa precisa de um aplauso ou precisa de um berro. Há momentos em que a equipa precisa que o treinador esteja quieto e deixe jogar,”</p>	<p>“(os atletas) devem estar motivados para dar o seu máximo. Isso de ser o melhor é muito relativo. Devem estar motivados para, em cada momento, estar focado e dar o máximo que puder. Esse meu atleta pode não ser o melhor mas, se sei que naquele momento deu o máximo para já é muito satisfatório (...) se ele (o jogador) conseguir trabalhar sempre bem perto das suas potencialidades e trabalhar cada vez mais que chegar mais lá acima essa é a grande vitória do treinador (...) o treinador tem a função de os motivar”.</p>	<p>“Não treino para os meus atletas fazerem batota (...) treino para que sejam bons atletas, bons seres humanos (...) tem de aprender normas diferentes, saber fazer e saber comportarem-se (...) nunca treinei batota (...) Fico satisfeito quando o atleta tem uma atitude correcta com o árbitro, com o público ou com o adversário (...) o <i>fair-play</i> faz parte do jogo, é para ser tomado. Mas depende de muita coisa, da importância do jogo, da importância da decisão para o resultado...”</p>	<p>“O futebol é saber estar, é um desporto de equipa, colectivo e ainda por cima nestas idades (...) se nós incutirmos no desenvolvimento dos miúdos, que não se deve cumprimentar estamos a trabalhar mal. Estamos a trabalhar seres humanos, miúdos de 14 anos, que todos os dias aprendem aqui. Quero que através do treino eles evoluam socialmente (...) mesmo que nos custe cumprimentar o árbitro ou o adversário, faz parte dos objectivos da formação tanto deste clube como do treinador (...) devemos ter comportamentos de respeito e bem-estar.”</p>	<p>“Eu vejo todos os jogadores como diamantes. Uns tem, obviamente, mais talento que outros. (...) Acredito que no caso do jogador que tem muito potencial, acredita que o tem mas não trabalha o treinador é responsável por chamá-lo á razão. Tento explorar ao máximo esse potencial (...) tenho atletas que tem um potencial enorme, que são miúdos supra-sumo, que dentro do jogo são capazes de fazer coisas inacreditáveis e que no processo de treino treinam mal; não tem a vontade dos outros (...) Cabe-me a mim fazer com que eles sejam obrigados a trabalhar (...) joga quem trabalha”.</p>

Tabela 2. Análise do sistema de convicções do treinador B como elemento de presságio da dinâmica da equipa em competição e das atitudes individuais dos jovens atletas

Treinador B					
Estilos de Liderança	Reforço das acções	Orientação para os objectivos	Batota e <i>Fair-Play</i>	Convenções e clima de trabalho	Talento
<p>“Na minha filosofia, tento o mínimo possível proceder e seguir pelo ensino de comando dos meus atletas. Normalmente, utilizamos muito o estilo de descoberta guiada, de tentativa e erro, deixar que o aluno cometa erros que tem de cometer, dar-lhe liberdade para errar, tentamos formar jogadores autónomos e criativos (...) Acho que devemos parar mais para observar (...) manter o silencio, mas não fazer disso prática regular (...) é tentar fazer um equilíbrio entre a observação e a correcção/feedback.”</p>	<p>“Temos de balizar o que é transmitir alegria e entusiasmo e dar motivação com a questão do comando, isto é, eu posso estar constantemente “vai, vai, vai...” com este tipo de feedback, no sentido de dar intensidade aos meus jogadores, faltando saber se isto poderá dar-lhes ou não motivação. Eu pessoalmente, acho que a motivação deve ser intrínseca (...) a função do treinador é corrigir o que tem de corrigir, reforçar positivamente quando o aluno realiza as tarefas de forma correcta.”</p>	<p>“Devemos consciencializar os alunos do seu real valor (...) a verdade é sempre uma boa ferramenta (...) organização do treino por estações, em que criamos vários grupos de nível temos de ser honestos e temos que tentar colocar objectivos adequados a cada um dos grupos. Aqui também cabe a comunicação do treinador (...) tem o papel de motivar (...) o treino tem de promover o sucesso de todos.”</p>	<p>“Alunos desta idade não são adultos em miniatura (...) não podemos estar a querer ensinar primeiro as manhas e os vícios antes de lhes ensinar o que é o jogo, de transmitir valores, de educá-los e formá-los (...) não é ensinando o lado escuro que vamos conseguir formá-los (...) gosto que os meus alunos tenham esse comportamento e normalmente alunos que são honestos e que ajudam os árbitros são também os alunos que tem mais rendimento (...) o melhor para o jogo depende deles.”</p>	<p>“A possibilidade de cumprimentar o árbitro, o banco e os jogadores adversários é algo natural do jogo e são rotinas que devem ser inculcadas (...) os jogadores estão a ser formados, é aprendizagem e pura e simplesmente os jogadores devem respeitar os seus agentes (...) claro que custa, por vezes, ir cumprimentar o árbitro. O meu papel é de contrariar essas tendências (...) dizer-lhes que o árbitro passa ao lado daquilo que é importante. O gesto que considero importante é o agradecimento aos pais e família no fim do jogo”.</p>	<p>“O papel do treinador é o de reforçar mais o esforço, o empenho e a dedicação que o talento. No entanto, deve reforçar quando os alunos talentosos fazem bem ou mal. (...) em relação aos alunos talentosos, nós tentamos que eles não facilitem, não baixem o nível de intensidade só porque se sentem mais talentosos (...) cabe ao treinador tornar o treino mais motivante para os alunos talentosos, levando a que o aluno se continue a desafiar a ele mesmo, que tente superar-se”.</p>

Em suma, através das entrevistas verificou-se que o treinador A é um treinador interventivo, optando por comandar, por vezes, as acções dos seus atletas de forma a atingir os objectivos da equipa. Por outro lado, considera o entusiasmo um factor essencial para animar o seu grupo de trabalho e prefere jovens atletas empenhados em aprender e evoluir. O respeito e “fair-play” ao longo do processo competitivo são aspectos fulcrais para o bem-estar de todos os agentes do jogo de futebol. Sendo assim, este treinador procura que em todos os momentos das partidas haja um clima agradável entre os intervenientes, abominando qualquer tipo de batota dos seus atletas.

Já o treinador B defende um estilo de aprendizagem dos atletas através da descoberta guiada, dando liberdade para os atletas evoluírem através do erro, promovendo a autonomia e liberdade criativa. No entanto, procura um equilíbrio entre a observação e a instrução. Noutro âmbito, defende que deve existir uma diferenciação entre o que é motivação/ reforço das acções dos atletas e comando e que a motivação intrínseca de cada atleta é muito importante. Para o treinador B, o empenho e dedicação dos seus atletas devem ser relevados em prol do talento, por sua vez, as acções dos atletas talentosos devem ser reforçadas quando são boas ou más. Por fim, e em consonância com o treinador A, procura que os seus atletas respeitem todos os agentes do jogo de futebol defendendo a existência de convenções no processo competitivo para um ambiente harmonioso.

CAPÍTULO 3:

Comportamentos dos treinadores em competição

3.1. Introdução

A observação dos comportamentos dos treinadores no processo competitivo é essencial para o entendimento do seu sistema de crenças e convicções na modalidade, e em particular nos escalões de formação, na modalidade de futebol. Para uma fiável recolha de dados recorreu-se a dois mecanismos: filmagens dos comportamentos e instruções do treinador e gravação de som de todos os feedbacks dados aos atletas, desde a palestra antes do jogo até ao regresso aos balneários após o término da partida. Cada um dos treinadores foi observado e analisado em 3 partidas dos respectivos Campeonatos Distritais de Iniciados – Série B e Série C. Estes mecanismos permitiriam confirmar as ideias deixadas a partir das entrevistas realizadas quanto ao estilo de liderança e ao delineamento de objectivos por parte dos treinadores.

3.2. Materiais e métodos

Amostra

A amostra foi constituída por 2 treinadores de futebol de equipas do escalão de Iniciados (sub-15), do Campeonato Distrital de Coimbra – Série B e C, da Associação de Futebol de Coimbra (AFC) e filiados na Federação Portuguesa de Futebol (FPF). Estes foram divididos consoante o seu estilo de liderança: treinador autocrático, com estilo de ensino por comando e treinador cooperativo, com estilo de ensino promotor da descoberta guiada dos atletas.

Instrumentos

Para a recolha de dados dos comportamentos dos treinadores ao longo do processo competitivo utilizou-se uma câmara Canon EOS 450D digital SLR para a obtenção de imagens dos comportamentos e intervenções dos treinadores e o sistema de gravação de som Samsung Galaxy SIII Mini GT – I8190 com microfone.

Procedimentos

Foram analisados 6 jogos, três por treinador, da fase regular do Campeonato Distrital de Iniciados da Associação de Futebol de Coimbra, Série B e Série C. Os jogos foram registados em vídeo, através de uma câmara Canon EOS 450D digital SLR. Por outro lado, as instruções dos treinadores foram registadas através de um microfone incorporado num telemóvel Samsung Galaxy SIII Mini. As informações foram transferidas através de uma plataforma USB para análise num computador.

Recorreu-se a estes procedimentos com base em estudos prévios (Cruz, 2003; Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches & Viladrich, 2006; Gonçalves, Coelho e Silva, Cruz & Figueiredo, 2010), nos quais se adoptou a estratégia de observação de três partidas, de modo a garantir fiabilidade em relação aos padrões de intervenção. Segundo Cruz (2003), este protocolo destina-se a minimizar as particularidades dos jogos, isto é, os adversários, os resultados ou as incidências específicas, bem como a revelar um padrão habitual de intervenção do treinador.

As observações foram realizadas com base nas categorias do *Coach Behavior Assessment System* (CBAS) para cada treinador, tendo os dados sido registados numa grelha própria do sistema, correspondendo, assim, às 12 categorias do CBAS. Para além disso, verificou-se a frequência de episódios ao longo das partidas.

Análise dos dados

Na análise dos dados obtidos através da gravação de vídeo dos jogos, bem como da gravação sonora das instruções dos treinadores, foram consideradas as intervenções por categoria e as percentagens totais de ocorrências que correspondem a cada categoria.

3.3. Resultados

Tabela 3. Número de ocorrências e respectiva percentagem de intervenções dos treinadores A e B ao longo de 3 jogos

	Treinador A		Treinador B	
	#	%	#	%
Reforço	191	18,1	180	17,8
Não Reforço	82	7,8	29	2,9
Ânimo ao Erro	59	5,6	27	2,7
Instrução técnica ao Erro	109	10,3	322	31,9
Punição	18	1,7	4	0,4
Instrução técnica punitiva	0	0,0	0	0,0
Ignorar o Erro	17	1,6	12	1,2
Manter o Controle	6	0,6	0	0,0
Instrução técnica geral	315	29,8	204	20,2
Ânimo Geral	123	11,6	51	5,1
Organização Geral	34	3,2	33	3,3
Comunicação Geral	104	9,8	148	14,7

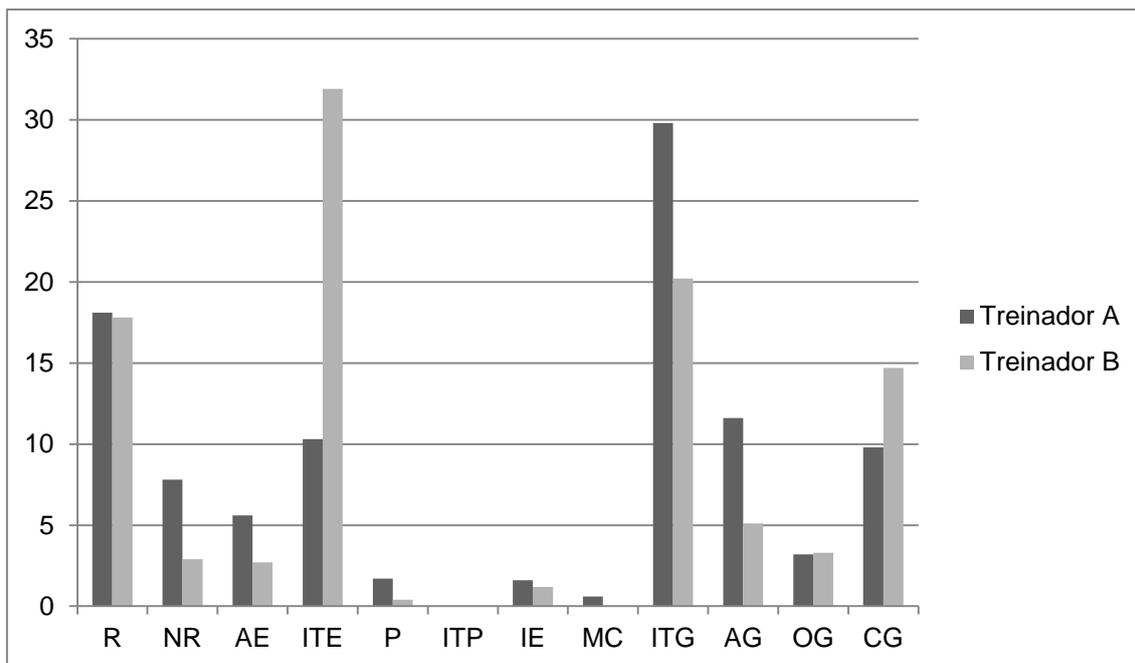


Figura 1. Representação gráfica das percentagens das categorias do CBAS para cada treinador. LEGENDA: R (Reforço); NR (Não Reforço); AE (Ânimo ao erro); ITE (Instrução técnica ao erro); P (Punição); ITP (Instrução técnica punitiva); IE (Ignorar o erro); MC (Manter o Controle); ITG (Instrução técnica geral); AG (Ânimo geral); OG (Organização geral); CG (Comunicação geral)

3.4. Discussão

De um ponto de vista geral, os dois treinadores tendem a privilegiar as categorias **reforço positivo, instrução técnica geral e comunicação geral**. No entanto, as diferenças individuais entre os treinadores levam a diferentes comportamentos em competição. Analisando individualmente as categorias verificamos discrepâncias grandes, por exemplo, na **instrução técnica ao erro** ou **apoio geral**.

Na categoria de **instrução técnica ao erro** a enorme discrepância de valores (cerca de 20%) poder-se-á justificar através das competências técnicas e táticas das respectivas equipas, uma vez que, a equipa do treinador B, apresenta níveis exibicionais baixos e alunos ainda pouco competentes na vertente de Futebol de 11, o que poderá levar o treinador B a recorrer um maior número de vezes a instruções após os erros cometidos ao longo do processo competitivo, em comparação com o treinador A, que possui uma equipa mais competente e experiente na modalidade, principalmente nas competições federadas da AFC.

Sendo esta categoria uma excepção á regra, verificou-se que os treinadores apresentam mais comportamentos de ***instrução técnica geral***. Esta informação vai de encontro aos resultados obtidos por Bloom, Crumpton e Anderson (1999), Cruz (1997), Smoll, Smith, Curtis & Hunt (1978).

Na categoria de ***comunicação geral***, as diferenças poder-se-ão justificar através de diálogos do treinador com a sua restante equipa técnica, *staff* e atletas que se encontravam no banco de suplentes. O facto de os treinadores comunicarem com os agentes presentes no banco de suplentes, em vez de instruir os atletas dentro do terreno, pode ser originado pela percepção do treinador de que em muitos casos em que se dá a instrução técnica geral a informação não chega aos atletas devido à distância entre o treinador e o atleta, à colocação de voz do treinador ou ao envolvimento. Num estudo anterior, Gonçalves (2008), na modalidade de Basquetebol, evidenciou percentagens de episódios de comunicação geral inferiores a 5% do total.

CAPÍTULO 4: **Inquérito aos jovens atletas**

4.1. Introdução

A utilização dos questionários permitirá testar a hipótese de que o estilo de liderança dos treinadores vai exercer efeito significativo sobre as Atitudes face à Prática Desportiva, sobre as Orientações para a realização de Objectivos e sobre as Percepções do Comportamento do Treinador expressas pelos atletas das equipas sob a orientação dos treinadores observados.

4.2. Materiais e métodos

Amostra

Foram inquiridos 32 jogadores praticantes de Futebol federado no escalão de Iniciados (sub-15) masculinos provenientes das equipas orientadas pelos treinadores participantes no estudo.

Dos 32 atletas, 22 integravam as equipas supervisionadas pelo treinador autocrático (Treinador A) e 10 pelo treinador cooperativo (Treinador B). Durante a competição federada o treinador B é obrigado a utilizar atletas do escalão de sub-13 de modo a ter atletas suficientes para as partidas. No entanto, optou-se por não englobar este atletas no estudo, uma vez que poderiam ter alguma dificuldade em entender os inquéritos e, respectivamente, as suas questões.

Foram considerados todos os atletas dos respectivos plantéis, já que todos se encontram integrados nos jogos da equipa na competição federada. A realização dos questionários foi realizada após autorização dos encarregados de educação dos atletas.

Instrumento

Foram aplicados aos atletas os seguintes questionários:

- *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ, Chi & Duda, 1995). A versão portuguesa do inquérito foi obtida por Fonseca & Biddle (1996) e validade para a população alvo por Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço & Coelho e Silva (2005). As respostas aos 13 itens foram dadas em escala de Likert de 1 a 5, em que 1) discordo totalmente, 2) discordo, 3) não concordo nem discordo, 4) concordo, 5) concordo totalmente.
- *Sport Attitudes Questionnaire* (Questionário de Atitudes face ao Desporto/SAQ). As atitudes face ao desporto foram avaliadas com recurso ao questionário de Lee e Whitehead (1999). O instrumento é constituído por 23 itens que pretendem identificar a opinião dos atletas sobre o modo como praticam a sua modalidade. Os participantes responderam em escala de Likert de 1 a 5, em que 1) discordo totalmente, 2) discordo, 3) não concordo nem discordo, 4) concordo, 5) concordo totalmente. A versão portuguesa foi traduzida e validada por Gonçalves, Coelho e Silva, Cruz, Lee & Chatzisarantis (2006).

Procedimentos

Após a aprovação dos encarregados de educação dos jogadores para a participação neste estudo, foram aplicados o TEOSQp e o SAQp no início das sessões de treino. A aplicação dos questionários foi realizada após o primeiro jogo observado de cada uma das equipas.

A agregação de itens no instrumento SAQp foi a que resultou de aplicação do questionário num trabalho precedente realizado com 58 jovens atletas dos 14 aos 16 anos de idade da modalidade desportiva de Basquetebol (Gonçalves, 2009).

O mesmo aconteceu com o TEOSQ. Esta opção deveu-se á impossibilidade de proceder á extracção de uma estrutura factorial com apenas 32 jovens futebolistas, mas deve minimizar-se também o facto de estarem em causa atletas das mesmas idades e do mesmo contexto social, geográfico e desportivo. A estrutura é aquela que se segue:

SAQp:

- F1) Batota - 3/13/16/19;
- F2) Anti-desportivismo - 7/ 14/ 18/ 20;
- F3) Convenções - 4/ 8/ 17/ 22;
- F4) Empenhamento - 6/11/ 15/ 21.

TEOSQp:

- F1) Ego - 1/3/ 4/ 6/9/ 11;
- F2) Tarefa - 2/5 /7/ 8/ 10/ 12/ 13.

Análise dos dados

Na análise de dados resultantes da aplicação dos questionários TEOSQp e SAQp e, em particular para testar o efeito da experiencia do treinador sobre as respostas dos atletas, foi aplicada estatística descritiva e t-teste. O tratamento foi efectuado com recurso ao programa *IBM SPSS Statistics Versão 20.0*.

4.3. Resultados

Atitudes face à prática desportiva (SAQp)

Tabela 4. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens aos itens do SAQp

		Clube Treinador A (n=22)		Clube Treinador B (n=10)		t	p
		Média	D.P.	Média	D.P.		
1	Vou a todos os treinos	4.82	0.39	4.00	0.67	4.357	.000
2	As vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.32	1.21	1.90	1.37	.870	.391
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.41	1.50	1.90	1.29	.927	.361
4	Cumprimento os adversários após uma derrota	4.77	0.53	4.70	0.48	.370	.714
5	Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	1.95	1.05	1.50	1.27	1.067	.295
6	Dou sempre o meu melhor	4.68	0.57	4.10	0.57	2.687	.012
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	3.00	1.35	1.90	1.29	2.172	.038
8	Cumprimento o treinador adversário	4.50	0.96	4.60	0.70	-.294	.771
9	Faço batota se ninguém der por isso	1.73	1.20	1.80	0.63	-.179	.859
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	2.55	1.34	2.60	1.35	-.107	.916
11	Estou sempre a pensar em como melhorar	4.73	0.55	4.80	0.63	-.331	.743
12	Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.05	1.33	4.10	1.37	-.107	.916
13	Por vezes é preciso fazer batota	2.23	1.31	1.60	1.07	1.324	.195
14	Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.18	1.65	1.90	1.45	2.109	.043
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.73	0.46	4.50	0.71	.932	.369
16	Não há problema em fazer batota se ninguém notar	2.18	1.47	2.10	1.45	.147	.884
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.59	0.59	4.50	0.71	.380	.707
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.41	1.65	1.80	1.32	1.024	.314
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	1.86	1.28	1.50	0.97	.796	.433
20	E uma boa ideia irritar os meus adversários	2.41	1.40	1.90	1.37	.958	.346
21	Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.73	0.46	4.30	0.82	1.538	.151
22	Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.82	0.50	4.80	0.42	.100	.921
23	Tento que os árbitros decidam a meu favor mesmo que não seja verdade	3.18	1.47	2.70	1.06	.930	.360

Tabela 5. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens agregadas nos factores latentes do SAQp

		Clube Treinador A (n=22)		Clube Treinador B (n=10)		t	p
		Média	D.P.	Média	D.P.		
F1	Batota	2.17	1.24	1.78	1.02	.880	.386
F2	Anti-Desportivismo	2.75	1.17	1.88	1.28	1.902	.067
F3	Convenções	4.67	0.51	4.65	0.52	.105	.917
F4	Empenhamento	4.72	0.36	4.43	0.53	1.816	.079

Orientação para a realização de objectivos

Tabela 6. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens aos itens do TEOSQ

		Clube Treinador A (n=22)		Clube Treinador B (n=10)		t	P
		Média	D.P.	Média	D.P.		
1	Sou o único a executar as técnicas	1.64	1.00	1.40	0.84	.647	.522
2	Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.45	0.86	4.60	0.52	-.494	.625
3	Consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.55	1.06	1.80	0.63	2.08	.048
4	Os outros não conseguem fazer tão bem como eu	2.32	1.17	4.30	0.67	-6.035	.000
5	Aprendo algo que me dá prazer fazer	4.50	0.60	4.70	0.48	-.927	.361
6	Os outros cometem erros e eu não	1.91	1.19	1.60	0.52	.782	.440
7	Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.36	0.73	4.30	0.48	.252	.803
8	Trabalho realmente bastante	4.27	0.70	4.70	0.48	-1.738	.092
9	Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.73	1.20	2.40	1.07	.736	.467
10	Algo que aprendo me faz querer continuar a praticar mais	4.50	0.74	4.90	0.32	-2.141	.040
11	Sou o melhor	1.95	1.13	1.80	0.79	.389	.700
12	Sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.86	0.89	4.40	0.70	-1.681	.103
13	Faço o meu melhor	4.55	0.74	4.60	0.52	-.210	.835

Tabela 7. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito do estilo de liderança do treinador sobre as respostas dos jovens agregadas nos factores latentes do TEOSQ

		Clube Treinador A (n=22)		Clube Treinador B (n=10)		t	P
		Média	D.P.	Média	D.P.		
F1	Ego	2.18	0.96	2.22	0.18	-.165	.870
F2	Tarefa	4.36	0.55	4.60	0.19	-1.837	.077

4.4. Discussão

No que respeita à influência do estilo de liderança do treinador sobre a resposta dos jovens atletas ao questionário de atitudes no desporto, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas, a não ser em quatro itens. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos itens 1 “vou a todos os treinos”, 6 “dou sempre o meu melhor”, 7 “como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo” e 14 “penso que posso perturbar os adversários desde não viole as regras”. Sendo todos os itens superiores no clube do Treinador A.

Existe um espírito de compromisso em ambas as equipas, embora os atletas do clube do treinador A apresentem maiores índices de assiduidade, demonstrando interesse pela aprendizagem e prática da modalidade.

Para além disso, no que às variáveis batota (itens 3.13.16 e 19) e anti-desportivismo (itens 7.14.18 e 20) diz respeito, verificamos que os atletas do treinador A tendem a praticar mais actos de anti-jogo do que os atletas do treinador B, embora os valores médios de batota e anti-desportivismo não sejam muito elevados. Estes indícios podem indicar a importância dada ao resultado das partidas para os objectivos dos treinadores e respectivos atletas.

As convenções da modalidade de Futebol, como cumprimentar os atletas adversários e respectivo treinador no final dos jogos (itens 4.8.17 e 22) são respeitadas pelos atletas de ambas as equipas, mesmo que o resultado seja adverso.

No caso do empenhamento por parte dos atletas para melhorar os seus níveis de desempenho os dados diferem em todos os itens (6.11.15 e 21). A diferença existente nos dados dos itens 6.15 e 21 demonstram que os atletas do treinador A esforçam-se um pouco mais na busca da melhoria das suas capacidades, mesmo que tenham cometido erros ou os resultados da sua equipa sejam adversos. Por outro lado, os atletas do treinador B demonstram estar mais

focados nas estratégias a utilizar de modo a melhorar as suas capacidades. Isto poderá indicar que os atletas do treinador A percebem que se empenham, enquanto que os atletas do treinador B planeiam mais a forma de desenvolver as suas competências, não sentindo um esforço prático.

Entre os 13 itens do TEOSQp, foram apenas detectadas diferenças estatisticamente significativas em 4 itens: 3 “consigo fazer melhor do que os meus colegas”, 4 “os outros não conseguem fazer tão bem como eu”, 8 “trabalho realmente bastante” e 10 “algo que aprendo me faz querer continuar a praticar mais”. Através das respostas verificadas, observamos que os atletas orientados pelo treinador B tendem a empenhar-se mais no processo de treino que os atletas do treinador A (itens 8 e 10). No entanto, através dos resultados dos itens 3 e 4, verificamos que os atletas de ambas as equipas tendem, por vezes, a orientar para o ego a realização dos objectivos. A discrepância nos valores obtidos no item 4, onde os atletas do treinador B obtiveram valores superiores, poder-se-ão explicar através da baixa taxa de sucesso da equipa no processo competitivo, levando alguns atletas a sentirem-se superiores aos colegas, recusando as responsabilidades dos maus resultados. Assim, podemos afirmar que as diferenças entre grupos são minimalistas e só não são estatisticamente significativas devido, eventualmente, à dimensão da amostra (n=22 no clube do treinador A; n=10 no clube do treinador B).

CAPÍTULO 5:

Discussão geral

Partindo do problema equacionado para este estudo e após apresentação dos resultados, obteve-se uma caracterização da prática de instrução dos dois treinadores (A e B), bem como da orientação para a realização de objectivos e das atitudes e valores face á prática desportiva, por parte dos respectivos atletas. A interpretação dos resultados beneficia da possibilidade de verificar em que medida a intervenção pedagógica e o comportamento pedagógico dos treinadores corroboram os estudos que já se realizaram com os instrumentos de observação sistemática utilizados. Contudo, os objectivos formulados pretenderam não só identificar e descrever as divergências no tipo de informação substantiva e afectiva transmitida entre treinador A e B, como também verificar a sua influência nas atitudes e valores por parte dos jovens futebolistas face ao desporto.

Neste estudo, verificou-se um contraste na taxa das intervenções pedagógicas do conteúdo fornecidas pelos treinadores durante os três jogos observados, bem como nos focos direccionais dessas mesmas indicações (treinador A, nº de intervenções = 1058 e foco na instrução técnica geral; treinador B, nº de intervenções = 1010 e foco na instrução técnica ao erro). Em estudos semelhantes, Gilbert *et. al.* (1999) verificaram que treinadores de Hóquei no Gelo de equipas jovens forneciam, em média, 101 intervenções durante o jogo, ou seja, durante sessenta minutos.

Num estudo desenvolvido por Bravo (2008), com treinadores de futebol de escalões de iniciados e juvenis, verificou-se uma ocorrência média de 69,85 intervenções pedagógicas sobre o conteúdo por treino, tendo o treino sessenta minutos. Esta evidência parece indiciar uma tendência para um padrão mais interventivo por parte dos treinadores portugueses em comparação com os canadianos e uma taxa mais elevada no jogo que no treino. No caso deste estudo, é marcante o foco atencional dos treinadores nas suas intervenções. Na categoria de instrução técnica ao erro a enorme discrepância de valores (cerca de 20%) poder-

se-á justificar através das competências técnicas e táticas das respectivas equipas, uma vez que, a equipa do treinador B, apresenta níveis exibicionais baixos e alunos ainda pouco competentes na vertente de Futebol de 11, o que poderá levar o treinador B a recorrer um maior número de vezes a instruções após os erros cometidos ao longo do processo competitivo, em comparação com o treinador A, que possui uma equipa mais competente e experiente na modalidade, principalmente nas competições federadas da AFC. Parece evidente, também, que para o treinador A, a instrução técnica geral é essencial para a realização dos objectivos, de modo a garantir a organização geral da sua equipa. Para além disso, a enorme recorrência deste treinador a este tipo de *feedback* poderá indiciar um menor domínio da vertente teórica da modalidade, abstraindo-se um pouco da instrução individual, optando por corrigir aspectos gerais da organização da equipa.

Por outro lado, a relação treinador-atleta representa um papel fundamental na motivação para a prática desportiva e promove uma maior satisfação nas actividades (Lorimer & Jowett, 2009). Estudos prévios realizados com atletas adolescentes (Jackson, Knapp & Beauchamp, 2009) verificaram a importância dessa interacção, quando existe uma orientação para a tarefa, bem como as experiências desportivas, em função da ecologia de prática resultante da intervenção do treinador. Os resultados obtidos neste estudo indicam que os atletas de ambas as equipas se encontram orientados para a tarefa e que se empenham tanto no processo de treino como no processo competitivo. O *fair-play* e desportivismo são vistos como factores essenciais para o bem-estar e harmonia na modalidade. No entanto, os valores dos atletas do treinador A evidenciam uma tendência superior para o ego que os atletas do treinador B. A orientação para o ego pode ser uma variável de presságio da batota e anti-desportivismo, mas alguma literatura diz que os campeões se distinguem nestas variáveis, ou seja, pode ser penalizado o atleta que desde os escalões de base se orienta para o ego. A grande questão prende-se em saber qual o grau de plasticidade e os factores que concorrem para a promoção da orientação para o ego ou de promoção de orientação para a tarefa. E isso são estudos que ainda não estão desenvolvidos.

CAPÍTULO 6:

Referências bibliográficas

- Alves, R. (1998). Análise das expectativas e do comportamento do treinador em competição – Estudo comparativo do treinador de jovens em Andebol, em função da experiência, do sucesso na competição e do escalão etário dos atletas. *Dissertação elaborada com vista à obtenção do grau de Mestre no âmbito do Mestrado em Gestão da Formação Desportiva. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana;*
- Araújo, D. (2005). A acção táctica no desporto: uma perspectiva geral. In Araújo, D. (Ed.), *O contexto da decisão – A acção táctica no desporto (pp. 21-33)*. Lisboa: *Visão e Contextos, Lda.;*
- Carneiro, D. (2007) Estudo comparativo entre treinadores de equipas masculinas e femininas, nos escalões de iniciados e juniores. *Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na oção de Rendimento, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto;*
- Chelladurai, P. & Carron, A. (1983). Athletic maturity and preferred leadership. *Journal of Sport Psychology*. 5. 371-380;
- Chelladurai, P. & Saleh, S. (1980). Dimensions of leadership behaviors in sports: *Development of a leadership scale. Journal of Sport Psychology*. 2. 34-45;
- Crispim-Santos, A., Rodrigues, J. (2010). Análise da Instrução do Treinador de Futebol. Comparação entre a Prelecção de Preparação e a Competição. *Grupo de Investigação em Pedagogia do Desporto – Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Portugal;*
- Elferink-Gemser, M.; Jordet, G.; Coelho e Silva, M. & Visscher, C. (2011) The marvels of elite sports: how to get there? *Brazilian Journal Sports Medicine July 2011 Vol 45 No 9;*
- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M. & Cardoso, L. (2009) A Orientação para a Realização de Objectivos em Jovens Basquetebolistas Masculinos. *Actas do II Seminário de Estudos Universitários em Basquetebol;*

- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M.; Chatzisarantis, N.; Lee, M. & Cruz, J. (2009) Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. *Revista Portuguesa de Ciências de Desporto* 6(1) 38-49;
- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M. & Cruz, J. (2009) Efeito do Género, Contexto de Prática e Tipo de Modalidade Desportiva sobre os Valores no Desporto. *Sociedade Portuguesa de Educação Física*;
- Gonçalves, C.; Neto, E.; Coelho e Silva, M. & Figueiredo, A. (2009) The effects of the ecology of practice on goal orientations and attitudes in youth sport. *Sports Science Review, Vol. XVIII, No.4*;
- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M.; Cruz, J. & Figueiredo, A. (2010) Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. *Revista brasileira de Educação Física de Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.15-26, jan./mar. 2010*;
- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M.; Cruz, J.; Torregrosa, M. & Cumming, S. (2010) The effect of achievement goals on moral attitudes in young athletes. *Journal of Sports Science and Medicine (2010) 9, 605-611*;
- Gonçalves, C.; Coelho e Silva, M.; Carvalho, H. & Gonçalves, A. (2011) Why do they engage in such hard programs? The search for excellence in youth basketball. *Journal of Sports Science and Medicine (2011) 10, 458-464*;
- Gonçalves, R. (2009) Análise do comportamento de instrução do treinador durante a competição, em escalões de Futebol de 7 e de Futebol de 11. *Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de Mestre em Desporto para Crianças e Jovens*;
- Hastie, P., Hannan, P. (1990) FEEDBACK TO ATHLETES: STRATEGIES FOR IMPROVING COMPETITIVE PERFORMANCE;
- Martens, R.(1978). Joy and sadness in children's sports. *Human Kinetics Champaign. Illinois*;
- Mesquita, I., Farias, C., Oliveira, G., Pereira, F. (2008). A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.23, n.1, p.25-38, jan./mar.2009*;
- Santos, A. (2008) O EFEITO DA EXPERIÊNCIA DO TREINADOR NO AMBIENTE

DE FORMAÇÃO DESPORTIVA - Estudo em equipas de futebol nos escalões de iniciados e juvenis. *Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto e Educação Física, pela Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra;*

Sobrinho, A. (2007). Estudo do comportamento pedagógico de treinadores de Voleibol no contexto de treino de crianças e jovens. *Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, área de especialização em Desporto para Crianças e Jovens (Decreto-Lei n.º 216/92);*